

A VINDA DO PAPA

(O Estado de São Paulo – 14/03/2007)

Os preparativos, em São Paulo e Aparecida, para a recepção do Papa Bento XVI, com a participação do clero brasileiro, do Vaticano, de leigos e de autoridades, estão a demonstrar o prestígio que o sucessor de João Paulo II, em seu curto pontificado, já adquiriu - principalmente após a Encíclica "Deus caritas est", que, num mundo conturbado com ódios, guerras e preconceitos, veio a realçar a importância do amor.

É sugestiva a própria escolha de seu nome (Bento XVI), como sucessor do Papa Bento XV, o grande arauto da paz, durante a primeira guerra mundial, que dialogou à exaustão com os Estados beligerantes, na Europa para pôr fim ao conflito, auxiliando as convenções de paz que os europeus exigiam, exauridos que estavam pela sangrenta luta.

O mundo, hoje, está, nitidamente, dividido entre uma sociedade que acredita e outra que não acredita em Deus, esta última sintetizada na frase de personagem de Dostoiévsky, em "Os irmãos Karamazov" ("Se Deus não existe, tudo é permitido").

Mesmo a sociedade que acredita em Deus vive as dificuldades próprias de manter-se inserida na realidade atual, onde falsos profetas instrumentalizam a crença dos humildes e dos menos preparados, além de conviver de um lado, com a permissividade, que explora as fraquezas inerentes à natureza humana e, de outro, com a falta de aprofundamento nos mistérios da fé, quase sempre superficial e acobertada pelo sentimentalismo.

Mesmo assim, esta parte da sociedade que acredita, conhece, por intuição ou estudo, que o mundo não é produto de um acaso criador e que somos todos filhos de Deus, mesmo aqueles que o negam, sendo o livre arbítrio o dom maior da herança divina.

Ao contrário dos materialistas históricos, que só têm uma fórmula para o futuro da humanidade – já pré-escrita, como pretendia Marx, na eliminação da classe burguesa pela ditadura do proletariado e no advento de um paraíso irreversível no porvir –, aqueles que acreditam em Deus sabem que a liberdade de opção e a luta pelos caminhos próprios é a grande lição que as religiões universais formulam.

Enquanto as correntes espiritualistas da história acreditam na liberdade e no homem formatador das suas ações, as correntes materialistas perfilam um determinismo sem alternativas, pelo qual o seu modelo seria o único a sobreviver.

Estas, não poucas vezes, sentem-se incomodadas pelos valores defendidos pelos fiéis seguidores das religiões históricas, como família, fidelidade conjugal, ética profissional, solidariedade humana, responsabilidade para com os filhos, altruísmo e dedicação, entre outros, e procuram, por todos os meios, principalmente pela moderna mídia eletrônica, destruí-los, taxando-os de "conservadores". Por esta ótica, ser livre é não ter qualquer responsabilidade em relação ao outro ou à sociedade, sendo o hedonismo supremo e todos os ingredientes para a felicidade momentânea e sem compromisso, seguidos, muitas vezes, de um vazio existencial sem limites.

Apesar da frase do presidente Lula, de que a sociedade poderá, um dia, até vir a punir os fetos, se baixar o limite para a maioria penal, esta sociedade já os pune ao perfilar o aborto sem limites, apesar de, sentimentalmente, defender os ovos de tartaruga, os fetos das baleias ou dos ursos pandas.

Nesta sociedade dividida, a vinda do Papa Bento XVI – que difunde, como seu antecessor, os valores a serem preservados na moderna sociedade – para o encontro dos bispos latino-americanos transcende

Ives Gandra da Silva Martins

de muito o escopo de definir os relevantes caminhos da Igreja no continente, pois Sua Santidade se propõe mostrar a todos os povos a importância da valorização da família, da vida, do amor e da paz entre os homens.

O mundo do século XXI, em que a tecnologia surpreende todos os dias e em que há mais de 100 trilhões de dólares de ativos financeiros e de mercado circulando pelos países, está mergulhado em tristezas, como guerras, crimes, violência, drogas, desamor, sofrimentos, falta de solidariedade, sendo a convivência difícil não só entre os indivíduos, mas entre os Estados. Trata-se de um cenário em que o desrespeito pela maneira de ser de cada cultura implica o uso de violência contra a violência e gera tensões permanentes, e, à luz exclusiva do receituário atual dos governos dos países civilizados, tensões irreversíveis.

A insensibilidade dos países desenvolvidos facilita, por outro lado, o surgimento de histriônicas lideranças, em que o verniz popularesco não esconde o desenfreado e aético amor pelo poder, com todo o cortejo de sordidezes próprias de governos demagógicos, ideológicos e despreparados, além de gerar a reação dramática e condenável das culturas e nações diferentes, como o terrorismo, que se transforma na sua arma de vingança.

É neste estado de coisas, de um mundo incrivelmente doente, desigual e conturbado, que a figura serena daquele que sucede ao próprio Cristo na condução da nave da Igreja, surge como um homem da paz, do diálogo, do amor e vem dizer, exatamente em visita à nação com a maior população católica do mundo, que temos que trilhar uma estrada nova, na qual a família e a vida sejam exaltadas, a violência abolida e a paz entre os homens obtida, com a eliminação de desigualdades. Este é o único caminho real para a felicidade daqueles que acreditam em Deus ou daqueles que vivem a liberdade de não acreditar, mas que, nem por isto, devem afastar-se da mesma trilha. E esta trilha só será conseguida se realmente os homens e as mulheres de boa vontade estiverem dispostos a pensar mais na sociedade do que no seu pequeno mundo de egoísmos.

Bem-vindo seja o Papa. Que o Brasil inteiro aproveite sua estadia e aprenda suas lições.